

**GÊNERO E LAZER: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE OS USOS E AS REPRESENTAÇÕES DOS CORPOS DISSIDENTES NAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS****Recebido em:** 22/09/2024**Aprovado em:** 12/12/2024**Licença:** *Adriano Carlos Nunes Fernandes<sup>1</sup>*

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7338-5402>*Edmur Antonio Stoppa<sup>2</sup>*

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-7131-6454>*Ricardo Ricci Uvinha<sup>3</sup>*

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2936-9453>

**RESUMO:** Os estereótipos de gênero e sexualidade podem influenciar as percepções e expectativas das pessoas em relação aos corpos e comportamentos de gêneros dissidentes, inclusive nos usos e representações destes nos espaços de lazer. Partindo do entendimento do lazer como um direito de todos, questiona-se de que forma esses corpos estereotipados são representados e discutidos nos estudos de lazer. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é investigar o panorama das pesquisas de lazer que abordem/discutam a dissidência de gêneros, sobretudo não-binares, quanto a representação de seus corpos e usos dos espaços de lazer. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, descritiva e exploratória, com perspectiva multimetodológica, aliando a análise bibliográfica a partir da produção dos principais periódicos internacionais do lazer (classificação A) e a revisão narrativa dos resultados, com análise inspirada pelo paradigma da complexidade. Desvela-se que a inexpressiva produção sobre as temáticas demonstra uma escassez das discussões de corpos para além da perspectiva do binarismo. Concomitantemente indica a relevância e possibilidades para a produção científica de um campo complexo e com expressivo ineditismo sobretudo pelas lentes dos estudos queers.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer. Corpos dissidentes. Não binário. LGBTQIAPN+. Produções científicas.

<sup>1</sup> Doutorando em Turismo do PPGTur EACH/USP.<sup>2</sup> Professor Doutor do PPGTur EACH/USP.<sup>3</sup> Professor Titular do PPGTur EACH/USP e Bolsista Produtividade CNPq.

## **GENDER AND LEISURE: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW ON THE USES AND REPRESENTATIONS OF DISSIDENT BODIES IN SCIENTIFIC PUBLICATION**

**ABSTRACT:** Gender and sexuality stereotypes can influence people's perceptions and expectations regarding the bodies and behaviors of dissident genders, including their uses and representations in leisure spaces. Starting from the understanding of leisure as everyone's right, it is questioned how these stereotyped bodies are represented and discussed in leisure studies. In this sense, the aim of this article is to investigate the panorama of leisure research that addresses/discusses gender dissidence, especially non-binaries, regarding the representation of their bodies and uses of leisure spaces. This is a qualitative, descriptive and exploratory study, with a multi- methodological perspective, combining a bibliographical analysis based on the production of the main international leisure journals (classification A) and a narrative review of the results, with an analysis inspired by the paradigm of complexity. It is revealed that the inexpressive production on the themes demonstrates a scarcity of discussions of bodies beyond the perspective of binarism. At the same time, it indicates the relevance and possibilities for scientific production in a complex field with expressive originality, especially through the lens of queer studies.

**KEYWORDS:** Leisure. Dissident bodies. Non binary. LGBTQIAPN+. Scientific production.

### **Introdução**

Os estereótipos de gênero são crenças amplamente compartilhadas na sociedade sobre as características, papéis e comportamentos considerados apropriados para homens e mulheres (Scott, 1995). Esses estereótipos podem influenciar as percepções e expectativas das pessoas em relação aos corpos e comportamentos de diferentes gêneros, inclusive nos usos e representações destes nas publicações sobre. Os estereótipos de gênero e corpos visa compreender como podem afetar a maneira como homens, mulheres e pessoas não binários são representados e percebidos em espaços de lazer turístico.

O lazer turístico é uma esfera importante da sociedade contemporânea, oferecendo momentos de descanso, entretenimento e experiências culturais. No entanto, mesmo sendo considerado um espaço de liberdade e prazer, a maneira como os corpos

dissidentes<sup>1</sup> são representados e utilizados nesses ambientes ainda é uma questão em aberto. Gênero, como uma dimensão fundamental das relações sociais, desempenha um papel central na construção das experiências de lazer, influenciando tanto as interações sociais quanto as percepções coletivas sobre a diversidade (Goellner *et al.* 2010).

Apesar dos avanços na luta pelos direitos LGBTQIAPN+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais/travestis, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais, não bináries, mais possibilidades) e pela igualdade de gênero em muitos contextos sociais, é necessário compreender e problematizar a forma como esses corpos dissidentes são percebidos, utilizados e representados nos espaços de lazer turístico. A compreensão dessa dinâmica é crucial para identificar as lacunas existentes e buscar estratégias efetivas de inclusão e respeito nos ambientes de lazer, proporcionando experiências autênticas e seguras para todos os indivíduos. No lazer, a representação e percepção dos corpos podem ser influenciadas por estereótipos de gênero prevalecentes na sociedade (Daolio, 2006). Por exemplo, mulheres podem ser retratadas como objetos sexuais ou associadas a atividades consideradas mais passivas, enquanto os homens podem ser representados como ativos, aventureiros ou dominantes. Essas representações estereotipadas podem moldar as expectativas sobre como os diferentes gêneros devem se comportar, vestir-se e aproveitar esses espaços de lazer turístico.

Além disso, os estereótipos de gênero também podem afetar a maneira como os usuários são percebidos e tratados por outros turistas, funcionários do local e pela própria indústria do turismo. Diante disso, pode haver julgamentos ou preconceitos em relação às escolhas de vestimenta, comportamento ou preferências de lazer de homens, mulheres e pessoas não bináries que não se enquadrem nos estereótipos tradicionais, assim como o simples uso de um banheiro.

Nesse sentido, o presente artigo propõe investigar e discutir as representações dos corpos dissidentes no lazer turístico nas publicações nas revistas de Score Qualis A. Para tal, será feito um levantamento nas principais publicações científicas da base SCOPUS a partir dos títulos, resumos e palavras-chaves, construindo uma revisão bibliográfica com foco nos corpos dissidentes de gênero. Por meio da análise sistemática de publicações mais relevantes, o presente trabalho apresentará uma revisão narrativa das principais abordagens teóricas e metodológicas adotadas, contribuindo para identificar as lacunas de conhecimento existentes da relação gênero e estereótipos nos estudos do lazer. Por meio dessa revisão bibliográfica, espera-se contribuir para o avanço do conhecimento científico sobre as relações de gênero nos espaços de lazer turístico, abrindo um diálogo promovendo uma reflexão sobre as representações e os usos dos corpos dissidentes. Além disso, os resultados desta pesquisa podem auxiliar profissionais do turismo, gestores de destinos e outros envolvidos na promoção do lazer a desenvolver práticas mais inclusivas e sensíveis à diversidade de gênero.

## **Metodologia**

O percurso metodológico deste artigo começa por uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória (Veal, 2011), tendo uma perspectiva multimetodológica (Flick, 2009). Contempla dados preliminares referente ao panorama das pesquisas sobre corpos dissidentes no lazer, aliando a pesquisa bibliográfica com uma discussão teórica pelas lentes da teoria da complexidade.

Por meio do paradigma da complexidade, entende-se que o todo está na parte, assim como a parte está no todo (Morin, 2006), fundamentado nos princípios: dialógico, que possibilita o entendimento do objeto na dialética coexistente, contraditória e complementar; recursivo, que trata da relação e produção entre objetos, ou seja, tanto

produz como é produto do outro; hologramático, cujo o todo constitui as partes, e as partes o todo, ambos estão presentes na constituição do outro (Morin, 2006; Silva, Silva e Santos, 2021).

A primeira etapa da pesquisa consistiu no levantamento de dados para identificação das lacunas e formulação do problema. Desta forma, foi realizada a busca pelas pautas que relacionam as três temáticas (Corpos AND gênero AND lazer) no buscador da plataforma/ base de dados Google Acadêmico. Adotou-se o operador booleano/ “AND” por permitir combinações dos termos na busca, possibilitando um resultado mais apurado. O resultado consubstancia as discussões teóricas da temática da pesquisa, relativo à teoria e à prática do lazer. No segundo momento compôs-se na escolha da base de dados, a lista SCOPUS das principais revistas que abordam o lazer, considerando aquelas com score qualis A: Annals Tourism and Leisure Research; Leisures Studies – Journal of Hospitality Leisure Sport & Tourism Education; Africa Journal of Hospitality, Tourism and Leisure; Journal of Leisure Research; International Jourrnal of the Sociology of Leisure; Podium: Sport, Leisure and tourism review.

Em 19 de junho de 2023, quando foi realizada a busca, foi elencado como critérios analisarmos os títulos, resumos e palavra-chave dos artigos publicados. A coleta de dados considerou todos os campos para seleção dos artigos que compõem o objeto de estudo da presente pesquisa. sem recorte temporal, envolvendo os seguintes termos: “Gender dissident” e “bodies dissident”, “lgbtqiapn+”, “transsexual”, “body”, “non binary” e ”queer”. Foi desconsiderado como critério a categoria “gender”, já que os artigos quando abordam essa temática, estão se referindo a equidade entre mulheres e homens ou representatividade do binarismo na área do lazer, substituindo tal busca por termos específicos das dissidências de gênero e sexualidade.

A terceira etapa compreendeu na triagem dos resultados da coleta, a partir da

leitura transversal e da identificação dos termos “gender dissident”, “lgbtqiapn+”, “queer”, “transsexual” e “non binary” para verificar a existência de produções de lazer que relacionassem aos corpos dissidentes, ainda que uma identidade queer, já que na sigla a indentidade queer assim como a trans transversa mais com a dissidência de gênero, na ausência de resultados para não binário. Em seguida, a quarta etapa correspondeu a leitura do material apto na triagem com a elaboração de resenha crítica e fichamento de citação para posterior análise e interpretação.

Diante de um único artigo como resultado, optou-se por uma revisão narrativa sendo mais apropriado para discutirmos o “estado da arte” por um ponto de vista teórico, constituindo apenas a análise da literatura publicada no periódico na interpretação e análise crítica pessoal dos autores deste artigo (Rother, 2007).

## **Análise e Discussão dos Resultados**

A partir do levantamento foi possível confrontar e identificar com uso das palavras-chaves a escassez na abordagem com foco específico na dissidência de gênero, como também o objeto de estudos com o corpo dissidente. Além disso, não é possível analisarmos no lazer os corpos que os utilizam sem olhar as partes que o integram essa relação complexa.

Dessa forma, utilizar o Paradigma da Complexidade (Morin, 2006) foi essencial para compreendermos análise aqui proposta. É importante ressaltar que, os resultados que apresentaram como resultados das palavras chaves “gender dissident” e “LGBT+” mostraram artigos que tratavam apenas de questões de gênero sob a lente do binário homem e mulher, na sua maioria nas questões de equidades ou papéis nos espaços de lazer como na sigla como um monólito de políticas identitárias que representam uma comunidade sem se aprofundarem na temática de não-binários e dissidentes. Diante

disso, apresenta-se a seguir um quadro síntese com os periódicos analisados bem como as palavras-chaves utilizadas e os respetivos resultados para essas buscas:

**Quadro 1:** Indicadores dos periódicos, classificações, palavras-chaves utilizadas com resultados

Periódicos	Clasifcação	Palavra-chave	Resultado
Annals Tourism and Leisure Research	A1	Non-binary;LGBT+;Transexual;gender dissident; queer	03 – Artigos que aborda LGBT+ na perspectiva da sigla identitária
Leisure Studies	A2	Non-binary;LGBT+;Transexual;gender dissident; queer	02 – Sendo 01 artigo que aborda especificamente “Gender Dissidence” e o outro que não aborda de forma direta.
Journal of Hospitality Leisure Sport & Tourism Education	A2	Non-binary;LGBT+;Transexual;gender dissident; queer	02- Artigos que apenas citam a comunidade LGBT+
Africa Journal of Hospitality	A3	Non-binary;LGBT+;Transexual;genderabordam apenas gênero dissident; queer	09 – Artigos que abordam apenas gênero na perspectiva Binária
Tourism and Leisure Journal of Leisure Research	A3	Non-binary;LGBT+;Transexual;genderabordam apenas gênero dissident; queer	02 – Artigos que abordam apenas gênero na perspectiva Binária
International Journal of the Sociology of Leisure	A4	Non-binary;LGBT+;Transexual;genderapenas Gênero na dissident; queer	01 – Artigo que aborda apenas Gênero na perspectiva Binária
Podium: Sport, Leisure and Tourism Review	A4	Non-binary;LGBT+;Transexual;genderLGBT+ na perspectiva da dissident; queer	01 – Artigo que aborda LGBT+ na perspectiva da sigla identitária

**Fonte:** Os autores

Conforme apresentado no quadro acima a maioria dos resultados ainda que tratem de gênero, discutem sob a perspectiva binária desconsiderando questões que

envolvam corpos dissidentes. Mesmos nos resultados que contemplam a sigla LGBT+, quando citados são pela ótica de senso de comunidade ou de política identitária e mesmo assim sendo apenas um elemento periférico das discussões.

Entre os resultados relevantes, é importante destacarmos o resultado encontrado no periódico *Leisure Studies: Gender Dissidence in leisure and travel: exploring social vulnerability and resistance in latin america* (Monterrubio; Madera e Mendoza-Ontíveros, 2022) um artigo que reconhece que a pessoas dissidentes de gênero são um grupo social bastante vulnerável sendo ignoradas nos estudos de lazer, viagens e turismo, tendo como objetivo deste trabalho explorar as experiências de lazer e viagens das pessoas dissidentes de gênero, assim como suas estratégias de resistências que adotam na América Latina, com uma discussão que dialogam sobre necropolítica (políticas de Estado) com a necopraxia (relações interpessoais) contribuindo assim na adoção de uma nova estrutura conceitual como a inclusão do tema nos estudos de Lazer e Turismo.

Os autores concluem que os fatores culturais e sociais que são estruturalmente infestados de violência e preconceito com base no gênero, limitam os indivíduos dissidentes de usufruir o lazer na América Latina. Mesmo assim, as pessoas discriminadas encontram resistências, mesmo que estrategicamente de forma simbólica ou física, procuram ocupar esses espaços, assim o artigo deixa a lacuna para que mais estudos possam apontar formas de combater as estruturas necropolíticas, reconhecendo a complexidade das interações sociais.

Outro resultado, que consideramos que tange ao assunto, muito embora trate a dissidência pelo recorte racial e não aborda diretamente a dissidência de gênero é o artigo: *Salsa cosmopolitanism? Consuming racialised difference in the European social dance industry* (Boullila, 2016). Neste texto, tratam das questões do cosmopolitilismo

como um discurso, assim como, o multiculturalismo é ambíguo. Toda a discussão perpassará nos processos raciais que necessariamente invocarão as diferenças só serão incorporadas por meio do consumo em tempos de políticas mais polarizadas.

No periódico *Annals Tourism and Leisure Research*, encontramos o artigo: *The impact of discriminatory experiences on lesbian, gay and bisexual people in sport* (Symons, O'sullivan e Polman, 2017), um estudo que examina a natureza e o impacto da discriminação sexista e homofóbica vivenciada por lésbicas, gays e bissexuais (LGB) em contextos esportivos australianos. Os seus resultados corroboram que os participantes vivenciaram nos esportes o sexismo e a homofobia direta e indiretamente.

Já em seu segundo artigo encontrado: *A review of gay and lesbian parented families' travel motivations and destination choices: gaps in research and future directions* (Lucena; Jarvis e Weeden, 2015), que aborda sobre a negligência dos estudos em Turismo em tratar nas questões familiares, pais lésbicos e gays encontrando quatro lacunas, em sua revisão bibliográfica, que são: motivações de viagens; escolha de destino; tomada de decisão familiar e estratégias que lésbicas e gays utilizam para gerenciar sua sexualidade em público.

Na Terceira publicação encontrada: *Family leisure and the coming out process for LGB young people and their parents* (Trusel; Xing e Oswald, 2015), examina como o processo de assumir para jovens que se identificam como lésbicas, gays e bissexuais (LGB) moldou os significados e as experiências de seu envolvimento com o lazer familiar, tendo como resultado que as atividades familiares compartilhadas (mídia na casa da família, passeios e férias em família, visitas a membros da família estendida) podem ser alteradas em relação ao processo de assumir-se e às normas culturais relacionadas ao heterossexismo e à homofobia.

## **Reverberações Teóricas: A Constituição do Binarismo nos Estudos de Gênero e da Relevância de Perspectivas não Binária**

Para discutirmos o conceito de corpos dissidentes pela perspectiva do gênero, precisamos entender na filosofia que conceituar, ou seja, fazer um conceito é um acontecimento como diz Deleuze, onde não nos isentamos de nossas próprias interpretações, onde se implica a criação de um novo mundo como diz Gallo (2003) em sua obra sobre as leituras deleuzianas:

... a criação de conceitos é uma forma de transformar o mundo; os conceitos são as ferramentas que permitem ao filósofo criar um mundo à sua maneira. Por outro lado, os conceitos podem ainda ser armas para a ação de outros, filósofos ou não, que dispõem deles para fazer a crítica do mundo, para instaurar outros mundos. (...) Que não se faça uma leitura idealista do conceito: não se trata de afirmar que é uma ideia (conceito) que funda a realidade; num sentido completamente outro, o conceito é imanente à realidade, brota dela e serve justamente para fazê-la compreensível. (...) o conceito é sempre uma intervenção no mundo, seja para conservá-lo, seja para mudá-lo. (p. 35-36).

Todo conceito é heterogêneo, múltiplo, não é simples, é “um todo fragmentário”, pois “não há conceito de um só componente” (Deleuze e Guattari, 1992), ao mesmo tempo que remete sempre a outros problemas e, consequentemente, a outros conceitos (formando aquilo que Deleuze denomina “constelação” de conceitos); todo conceito é “incorporal”, ainda que “se encarne ou se efetue nos corpos” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 33), não podendo assim ser confundido com as próprias coisas ; é absoluto e relativo ao mesmo tempo: “relativo a seus próprios componentes, aos outros conceitos, (...) aos problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. É absoluto como todo, mas relativo enquanto fragmentário” (Deleuze e Guattari, 1992, p. 34). O conceito, na leitura deleuzeana, é um “transformador” (Holland, 1996) porque opera não só como produto, mas também como produtor:

“... o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor

de novos conceitos e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível” (Gallo, 2003, p. 43).

Partindo deste princípio acerca do conceito, buscamos compreender como na sociedade atual são as representações e conceitos sobre corpos e suas imagens, que Segundo Ferreira e Tavares (2017), o mercado, na contemporaneidade, regula novos modos de ser, produzindo “kits de perfis- padrão” ou “kits de subjetividade” como meio de pertencimento psicossocial na sociedade. Representam por isso escolhas de “modos de vida” cujas identidades são descartáveis, em função de desejos supervalorizados e não satisfeitos.

O capitalismo pós-industrial [...] tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (Guattari; Deleuze, 2011, p. 30/31).

Em consonância, Almeida, Alves e Toloy (2015) diferenciam a importância dada ao objeto/produto e a produção na sociedade disciplinar, do consumo e da promessa de afeto e felicidade valorizada na sociedade de controle, através das marcas; e complementam: “Somos corpos que se abrem para a passagem do que nem sabemos do que trata, assim nos tornamos as cobaias apáticas das empresas de cosmético, automobilismo, turismo, etc” (Almeida; Alves; Toloy, 2015, p.35). Neste contexto, o mercado do turismo relaciona o “modo de ser” do visitante; reforçando a diferenciação entre as práticas turísticas do turista e do viajante (Urry, 1996): em que o primeiro mantém distanciamento e uma visão estereotipada da cultura local, enquanto que o último vivencia a autenticidade dos lugares e culturas. Ou seja, atribui ao turismo uma “cultura-valor” (Guattari; Rolnik, 2011) como uma marca a ser consumida (Deleuze; Guattari, 1995) na sociedade de controle.

Ou seja, a sociedade de controle (sociedade contemporânea) “transforma o não

capital em capital, não só paisagens, ritmos, mas também maneiras de ser, de fazer, de ter prazer [...], na intuição de antecipar os desejos do público” (Pelbart, 2003, p. 104) e produtiza imagens, autenticidade e originalidade no turismo pela espetacularização (Debord, 1997): “Perdem-se as coordenadas de valor relativo: as coisas podem ter qualquer sentido, elas não têm sentido algum. É uma verdadeira falência da credibilidade de todas as espécies de subjetividade: um curto-circuito generalizado” (Rolnik, 2014, p. 95).

Deste modo, a sociedade de controle impõe “o que se deve ter para ser”, personificando os produtos como extensão da identidade dos indivíduos (Deleuze, 1992), a partir das subjetividades produzidas no capitalismo rizomático que (re)criam sentidos e desejos (demandas) de consumo (Deleuze & Guattari, 1995).

O que é procurado no turismo é a distração, a evasão, a diversão, a sensação, o prazer: todas as coisas que se arrumam sob a rubrica prática do exotismo. O exotismo permite a fuga do cotidiano e de suas violências, de se desorientar. Ele deve permitir também a realização de encontros: encontro com outros homens, com outros hábitos, com outras maneiras de pensar e sentir. Com determinadas precauções e dentro das condições que proporcionam o encontro sem perigo, que amortecem o choque com o estranho. Pelo exotismo, o turista procura o outro que não ele mesmo, de identidades diferentes da sua, cujo encontro lhe confere o sentimento de sair de si, deixando-o assim crer que ele sabe melhor aquilo que ele é. (Michaud, Y., 2003 *apud* Sá, A, 2006. p 1).

Por fim, há uma dicotomia entre exclusividade (e distanciamento) do indivíduo, e este fazer parte da sociedade que se sente pertencente: “Numa outra dobra, a lógica capitalista captura os dois registros, indivíduo e sociedade, separando-os e aproximando-os; o sujeito se sente num “caos absurdo”.

Quando começamos falar sobre o que é o corpo, iremos encontrar muitos paradigmas entre as correntes teóricas que por um lado partem de um estudo mais biologizante onde os Cientista mapeiam o genoma humano e buscam por respostas apenas pela genética, como também a discussão pela filosofia onde considera a alma, aqui entendida por inteligência em que este corpo transcendam as barreiras físicas,

sendo considerados desejos, pensamentos, trazendo representações tanto de um corpo máquina como um corpo libidinal (Rouanet, 2003).

Espinosa, em sua filosofia, defende que o corpo não deve ser visto apenas como um objeto físico, mas como uma potência em constante movimento e transformação. Para ele, o corpo está intimamente ligado à mente e à nossa capacidade de agir no mundo. Essa visão se contrapõe à concepção dualista, que separa o corpo da mente e o coloca em um papel subordinado (Chauí, 2011).

Aqui entenderemos o corpo como um fenômeno social e cultural, onde ele poderá representar objetos simbólicos e imaginários (Le Breton, 2007). Para Featherstone (1994, p. 67-68) a sociedade Ocidental, marcou em sua história contemporânea, produzindo e disseminando imagens de corpos, os padronizando e tipificando em mídias de imprensa, filmes e televisão.

Essas imagens se confundem com as imagens de grandes cidades, shoppings e locais de diversão. Portanto nossos corpos no mundo social não atuam como coisas e sim mediado pela cultura. (Brunhs, 2000).

Outro autor, Baudrillard (1975, p.157) que corrobora com a mediação sobre a cultura sobre o corpo, fala da relação corpo/prazer, como a publicidade nos reforça o fato de como precisamos e termos um só corpo e como precisamos salvá-los, nos induzindo a consumos esteticistas, promoção de melhor saúde. Ao mesmo tempo que conduz a discursos mais puritanistas, sob um falso sentimento de liberação física e sexual, apenas para corpos cobertos pelas redes sociais. Convém ressaltar que apesar da transgressão vista em sociedades pagãs em suas festividades, muitas delas foram absorvidas pela Igreja católica para estabelecer os rituais e as festividades presentes em seu calendário (Sennett, 2003).

Essas representações no mundo Ocidental dialogam perfeitamente com o

conceito de ciscolonialidade, que nada mais que uma interseccionalidade que atravessa violências institucionalizadas e não institucionalizadas podendo romper com o paradigma cismaterialista colonizado, causando uma desordem necessária para incluirmos corpos dissidentes (Vergueiro, 2016).

Para além de entendermos sobre a questão corpo é importante também discutirmos os conceitos acerca do que se é o gênero para que possamos pensar e diferenciar o que são expressões e identidades de gênero para transformos o não binarismo.

Em toda sociedade os estereótipos de gênero são crenças amplamente aceitas que descrevem as características, papéis e comportamentos considerados, de forma binário, apropriados para homens e mulheres. As percepções e expectativas das pessoas sobre como os outros gêneros se comportam e como deveriam se comportar como resultado desses estereótipos podem influenciar as percepções e expectativas das pessoas em relação aos corpos e comportamentos de diferentes gêneros.

É possível analisar a influência dos estereótipos de gênero na representação e percepção dos corpos em espaços de lazer, bem como seus impactos nas liberdades individuais (Goellner *et al.*, 2010). As pessoas não binárias se identificam fora do sistema binário tradicional de gênero, desafiando as noções convencionais de masculinidade e feminilidade. No entanto, a forma como os espaços de lazer lida com essa diversidade de identidades de gênero e corpos ainda é pouco explorada.

As discussões sobre os estudos de gêneros que têm ganho pautas nas questões sociais na nossa contemporaneidade, trazem luz às discussões acerca de pessoas binárias e não binárias. É nas Ciências Sociais, especificamente na Antropologia, pela metodologia etnográfica que se conceitua em forma nominal o que entendemos o que é ser homem ou mulher.

Na natureza humana a sexualidade é um elemento inerente, seja por teorias criacionistas ou evolucionistas, desde o princípio trouxe a ideia de homem e mulher. A sigla LGBTQIAPN+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e não bináries mais outras possibilidades) é apenas uma tipificação identitária que nos serve para analisarmos à importância das identidades que nos revelam corpos dissidentes.

Na década de 70 com publicações de diversos estudos das feministas, observou-se um padrão, em diversas culturas, de dominação de poder entre homens e mulheres. Após a segunda onda do feminismo, os estudos apontam para além das questões de uma visão marxista, que visava apenas a reforma operária como mudança de estrutura e passa a se analisar a dominação de estrutura nas relações de gênero e sexualidade (Reis; Pinho, 2016).

Dentre as correntes de estudos antropológicos e feministas, como epistemologicamente universalista e relativista, os estudos de gênero possibilitam os entendimentos das relações estabelecidas entre os sujeitos (Goularath, 2015).

No âmbito os estudos de gênero e sexualidade, na década de 90, houve muitas discussões acerca da existência do gene gay, criando a ideia de que as pessoas considerem sua própria sexualidade e as dos outros como inata (Wolf, 2022).

A caracterização binária de gênero e por vezes tomada fora de contexto sendo um único fator para descrever supostas diferenças dicotômicas entre homens e mulheres. Além disso apontamos que as caracterizações binárias de gênero muitas vezes são descontextualizadas sendo vistas como uma única forma de definir diferenças binárias de masculino e feminino.

Nas sociedades em geral, o feminino tende a ser mais marginalizado e é amplamente discutido nas questões de equidade na nossa sociedade ignorando outros

aspectos interseccionais como classe social, raça, podendo pensar no gênero como um espectro (Reis; Pinho, 2016).

Os binários como opositivos são um legado metafísico ocidental que constrói a dualidade entre a identidade (o eu) e a alteridade (o outro), sendo este último tudo aquilo que foge do ideal, ultrapassando limites da identidade alcançando o estranho (Hermann, 2014).

Com o fim de buscarmos entender a sujeição binária de gênero sobre ser homem ou mulher, termos a crítica Marxista que no capitalismo determina esses papéis de gênero pela necessidade de se obter um trabalho reprodutivo não remunerado feito por mulheres em suas casas (Wolf, 2022).

Assim quando ampliamos novos conceitos e buscamos tratar a inclusão dos dissidentes na área do lazer, veremos que numa revisão histórica, tivemos narrativas onde a ideia de cidades considerava seus usos por seus cidadãos estabelecendo uma relação corpo-cidade.

Assim, essas novas concepções dos estudos de gênero permitem revolucionar o entendimento do corpo e da sexualidade pela Humanidade, e como a reinvenção do prazer pode contribuir para o lazer nas grandes cidades. Sennett (2003) apresenta a Tesmofórias e as Adonias como celebrações femininas que faziam uso do espaço urbano, jogando com a sexualidade no corpo feminino. As Tesmofórias constituíam-se como festas do calendário oficial, enquanto as Adonias eram festas suspeitas, particulares, e apenas toleradas. Tais festejos permitiam aos corpos, ficcionalmente, subverter à ordem imposta aos corpos oprimidos, transmutação operada no espaço e pelo corpo. No espaço urbano, as Tesmofórias tinham seu sentido reinventado: de um rito agrário ligado à terra, passava-se um rito de fertilidade humana acentuando o jogo entre o desejo e a abstinência sexual. As Adonias envolviam provavelmente mulheres à

margem dos estatutos de legitimidade, como concubinas. Celebrava-se o drama de Adonis, figura mitológica relacionada a Afrodite, particularmente ao desejo sexual feminino.

Ao longo da construção da ideia de Ocidente, as imagens dominantes do corpo desempenham um papel importante. Como resultado da influência do corpo na construção de equipamentos sociais urbanos essenciais ao longo dos últimos quatro mil anos, sua imagem idealizada transferiu seus valores para a geografia das cidades, levando a sentimentos de repressão e insensibilidade, especialmente entre corpos diferentes dos padrões desejados e como esses ideais criaram sentimentos, repressão e insensibilidade. Conforme Sennett (2003): “Em uma sociedade que enaltece genericamente “o corpo”, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma vigente” (p. 22). No espaço público o direito a voz revela a visibilidade dada aos corpos que subjugam e são subjugados e indicam diferentes relações de poder no espaço público.

Já nas últimas décadas, pesquisadores vêm discutindo o quanto o lazer é influenciado por ideologias relacionadas à construção de gênero (Henderson; Hodges; Kivel, 2002; Harrington, 2006; Pilcher, 2011). As experiências de lazer são bastante diferentes entre homens e mulheres, e as expectativas sociais relativas ao gênero de cada um de nós são responsáveis por uma grande quantidade de restrições que encontramos no nosso dia-a-dia, incluindo nos momentos de lazer (Arab-moghaddam & Henderson, 2007; Chick & Dong, 2005; Lewis & Johnson, 2011).

No campo de Estudos de Lazer, as diferenças entre os sexos vêm sendo analisadas através de vários prismas, tais como a formação de identidade de gênero (Henderson & Shaw, 2006; Foley; Holzman; Wearing, 2007; Espiner; Gidlow; Cushman, 2011), geografia do lazer (Aitchson, 1999; Scraton & Watson, 1998;

Henderson & Frelke, 2000), restrições ao lazer (Shaw; Bonen; McCabbee, 1991; Henderson & Shaw, 2006; Crawford & Jackson, 2005) e sexualidade (Pritchard; Morgan; Sedgley, 2002, Skeggs, 1999; Taylor, 2007). Buscando a compreensão entre prazer, liberdade sexual no turismo e lazer, Trigo (2009) entende que:

Sendo a liberdade sexual e o turismo de massa fenômenos igualmente recentes e frutos de possibilidades de vivência do prazer em campos cada vez mais amplos, é natural que existam conexões mais íntimas entre sexo, lazer, turismo e hospitalidade e entretenimento (Trigo, 2009, p. 142).

Corroborando com essa ideia, o entendimento de Krippendorf (2001) é:

O turismo funciona como terapia da sociedade, válvula que faz manter o funcionamento do mundo de todos os dias. Ele exerce um efeito estabilizador não apenas sobre o indivíduo, mas também sobre toda a sociedade e a economia.

Nesse contexto, o indivíduo passa a ter necessidade do lazer, da viagem para o descanso merecido. Enquanto Molina (2005) aponta que “As grandes transformações sofridas pelas diferentes sociedades humanas influenciaram notavelmente a conceituação e a prática do turismo.” Assim, pode-se afirmar que o turismo vem se adequando às necessidades da sociedade e de seus respectivos segmentos. Viajar tornou-se um fato inerente ao ser humano principalmente a partir dos tempos modernos.

As experiências urbanas de pessoas não-heterossexuais são fortemente reprimidas, invisibilizadas, consideradas anormais e alvos de violência sistemática em diversas sociedades e, mais especificamente, na sociedade brasileira (Peixoto, 2018). Estudos conduzidos na Inglaterra (Skeggs, 1999. Pritchard; Morgan; Sedgley, 2002. Taylor, 2007)

também apresentaram discussões sobre sexualidade e visibilidade em espaços urbanos. Skeggs (1999) argumenta que as cidades estão cheias de relações de poder, e gays e lésbicas devem aprender a negociar com a heteronormatividade para serem

capazes de ocupar os espaços públicos de maneira “apropriada” e de forma segura. (Pritchard; Morgan; Sedgley, 2002).

Com tudo isso é importante entender a relação entre corpos dominantes e corpos subjugados não é totalmente passiva. Ao longo da história grupos marginalizados superaram as restrições impostas à apropriação de espaços públicos, construindo novos espaços, e adequando as proibições das manifestações inerentes ao ser aos códigos vigentes, ressignificando os significados dos rituais e crenças que lhes é permitido praticar com respeito a eles.

A sexualidade foi construída no solo das restrições, imposições e relações de poder onde também redirecionou a própria história da Humanidade ou, pelo menos, como mudou a história de seus corpos invisíveis. Desde que existe a humanidade, sua história íntima nunca foi estática.

Esse artigo pretende contribuir para uma conscientização sobre os efeitos negativos dos estereótipos de gêneros nos corpos, promovendo mais diversidade, inclusão e igualdade de oportunidades nos espaços de lazer turístico.

Uma limitação relevante para investigarmos os estereótipos de corpos e gêneros nos espaços de lazer turísticos é a escassez de estudos com concentração nas experiências das pessoas não binárias, já que muitas pesquisas tenham explorado os efeitos dos estereótipos de gênero quando se fala do binarismo homem e mulher.

Entretanto a forma como os espaços de lazer turístico lida como a diversidade de gêneros e corpos seja um pouco explorado, analisarmos as pessoas não binárias que não se identificam com sistema tradicional de gênero homem e mulher, ajudará a compreendermos como suas experiências nos espaços de lazer será essencial para a promoção e a equidade nestes espaços.

## Considerações Finais

Há uma produção recente e profícua sobre a discussão de gêneros e/ou corpos dissidentes no lazer, sendo o gênero uma categoria que aborda ainda, em sua maioria, um modelo cis-hétero binário do homem e da mulher e quando contempla os recortes de gêneros para assuntos pertinentes a população LGBTQIAPN+ para além das letras que identificam binarismo, trazendo apenas o significado das identidades queers, trans e não-binários, inclusive no que tange às pesquisas sobre corpos dissidentes, que se revelou baixa no âmbito do lazer nas publicações dos periódicos internacionais. Em contrapartida, o lazer é um Direito para o cidadão brasileiro, país que vem avançando juridicamente nas leis que protegem a comunidade LGBTQIAPN+.

Para além do conhecimento científico, na perspectiva das políticas públicas de incentivo ao lazer como direito garantido, a favor de uma perspectiva universal da inclusão de populações mais vulneráveis, focando nos privilégios dos corpos que se beneficiam do modelo binário aceito socialmente, as discussões trazidas no presente artigo amparam um posicionamento crítico, sobretudo por: 1) tratar-se de gêneros e corpos mais oprimidos e violentados, há requisitos prévios que precisam ser atendidos para gerar um acolhimento e acesso na escolha das práticas no lazer; 2) apesar da expansão das leis jurídicas onde criminalizam lgbtfobia, os indicadores mundiais de lazer sugerem o seu usufruto ainda pensado no modelo homem e mulher.

Essa controvérsia aponta a complexidade e relevância de pesquisas futuras que relacionem as práticas e perspectivas desses corpos dissidentes, a fim de contribuir para a produção do conhecimento científico, iluminando a temática do lazer para pessoas que se identificam e/ou se expressam de forma não-binária. A partir dos princípios da complexidade, pode-se questionar, confrontar e tecer novas relações para compreender o todo - o que dizem as publicações sobre o lazer, especificamente sobre os dissidentes

de gênero – incluindo mais estudos relevantes acerca do tema nos estudos de gênero, segmentação, políticas públicas, movimentos sociais etc.; compreendendo que a parte é o todo e o todo está na parte.

Ademais, considerando a pauta dos direitos civis como uma premissa que também atravessa o lazer como direito de escolha, demanda investigações para além do viés dos estudos do corpo biologizante. Nesse contexto, é preciso entender novas formas de participação e produção de lazer que incluam esse grupo, reunindo contribuições ao campo do Lazer e do Turismo, Antropologia e da Psicologia Social. Nesse sentido, depreende-se a relevância de construir pesquisas multi/inter/transdisciplinares, sobretudo, para o entendimento de temas complexos, não-binário permitindo atravessamentos que dialoguem a favor de um lazer mais inclusivo na produção científica brasileira.

Neste ensaio, o resultado profícuo que desvela uma produção inexpressiva sobre a corpos dissidentes nos periódicos de lazer no contexto das revistas internacionais com *score qualis A*, ratifica o tema inovador no que concerne à literatura existente. Destarte indica a relevância e possibilidades para a produção científica de um campo complexo e com expressivo ineditismo sobretudo pelas lentes dos estudos Queers.

## REFERÊNCIAS

AITCHISON, C. New cultural geographies: The spatiality of leisure, gender and sexuality, **Leisure Studies, Colchester**, v. 18, n. 1, p. 19-39, 1999.

ALMEIDA, J. C. R; ALVES, S. L. C.; TOLOY, D. S. Da sociedade disciplinar à sociedade de controle: a produção de subjetividade e os novos tipos de servidão. **Revista Sísifo (Online)**, Feira de Santa – BA, v.2, n.1, 2015. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2015/12/da-sociedade-disciplinar-sociedade-de.html> Acesso em: 23 jun. 2022

ARAB-MOGHADDAM, N.; HENDERSON, K. A. Women's leisure and constraints to participation: Iranian perspectives. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 39, n. 1, p. 109-126, 2007. Disponível em: <https://repository.lib.ncsu.edu/server/api/core/bitstreams/ab9c87fa-ace5-4ef0-b2ab-accd1d1ad953/content> Acesso em: 22 jun. 2022

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1975.

BOFF, L.; MURARO, R. M. O gênero na crise da cultura dominante e na emergência de um novo paradigma civilizacional. In: BOFF, L. & MURARO, R. M. (Org.), **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2002. p.17-28.

BOULLILA, S. C. **Dancing salsa in post-thinking Europe: gender and sexuality discourses among salsa dancers in Switzerland and England**, 2016 PhD thesis, University of Leeds. Disponível em <https://etheses.whiterose.ac.uk/12479/>. Acesso em 22 jun 2022.

BRUNHS, H. T.; GUTIERREZ, G. L (Org.) **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. 112 p.

CHAUÍ, M. **Desejo, Paixão e Ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Cia das letras, 2011.

CHICK, G.; DONG, E. Cultural constraint to leisure. In: JACKSON, E. L. (Ed.), **Constraints to leisure**. State college, PA: Venture Publishing. 2005. p. 169-168.

CRAWFORD, D. W.; JACKSON, E. L. Leisure constrains theory: Dimensions, directions, and dilemmas. In: JACKSON, E. L. (Ed.). **Constraints to leisure**. State college, PA: Venture Publishing, 2005.

DAOLIO, J. Corpo e Identidade. In: MOREIRA, W.W. (Org.) **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006. p.49-62.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ESPINER, S., GIDLOW, B., CUSHMAN, G. Outdoor recreation and gendered space: the case of men's enthusiasms for hunting, fly-fishing and scuba diving. **Annals of Leisure Research**. Lismore, v. 14, n. 2, p. 176-193. 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/11745398.2011.615714> Acesso em: 23 jun. 2022

FEATHERSTONE, M. **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, v.2, 1994. p.67-68.

FERREIRA, G. G. T., TAVARES, F. **Natureza líquida:** as modelagens marcárias e a publicidade verde. Curitiba: Appris, 2017.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOLEY, C.; HOLZMAN, C.; WEARING, S. Moving beyond conspicuous leisure consumption: Adolescent women, mobile phones and public space. **Leisure Studies, Colchester**, v. 26, n. 2, p. 179-192, 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade:** a vontade de saber. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**, Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica: 2003.

GOELLNER, S. V.; VOTRE, S.J.; MOURAO, L; FIGUEIRA, M.L.M. Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades. Belo Horizonte: **Revista Licere**. v.13, n.2, 2010.

GOELLNER, S. V.; VOTRE, S.J.; MOURAO, L; FIGUEIRA, M.L.M. Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades. **Licere - Revista Do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.** v.13, n.2, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/815> Acesso em: 17 jan. 2025

GOULARTH, N. R.. **Diversidade de Gêneros e ensino de biologia:** casos de prazeres e corporeidade não-binários. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 12 ed. Editora Vozes, 2011.

GUATTARI, F; DELEUZE, G. **O anti – édipo- Capitalismo e Esquizofrenia.** 2 ed. Editora 34, 2011.

HALL, S. A identidade em questão. In: HALL, S. (Org.), **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2014. p.9-16.

HARRINGTON, M. Family leisure. In: ROJEK, C.; SHAW, S. M.; VEAL, A. J. (Ed.). **A handbook of leisure studies.** New York, NY: Palgrave Macmillan, 2006. p. 417-432.

HENDERSON, K. A.; HODGES, S.; KIVEL, B. D. Context and dialogue in research on women and leisure. **Journal of Leisure Research**, Illinois, v. 34, n. 3, p. 253-271, 2002.

HENDERSON, K. A. & SHAW, S. M. Leisure and gender: Challenges and opportunities for feminist research. In: ROJEK, C.; SHAW, S. M.; VEAL, A. J. **A handbook of leisure studies.** New York, NY: Palgrave Macmillan, 2006. p. 216-23.

HERMANN, N. A questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro, v. 19, n. 57, 2014. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782014000200011&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782014000200011&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 15 jun. 2022

HOLLAND, J. L. Exploring careers with a typology: What we have learned and some new directions. **American Psychologist**, v. 51, n. 4, p. 397–406, 1996. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.51.4.397> Acesso em: 17 jan. 2025

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.24-31.

LEWIS, S.; JOHNSON, C. “But it’s not that easy”: negotiating (trans)gender expressions in leisure spaces. **Leisure/Loisir**, Waterloo, v. 35, n. 2, 115-132, 2011.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.7-45.

LUCENA, R; JARVIS, N; WEEDEN, C. A review of gay and lesbian parented families’ travel motivations and destination choices: gaps in research and future directions. **Annals of Leisure Research**, v.18, 2015.

MOLINA, S. **Turismo metodologia e planejamento.** Bauru: Edusc, 2005.

MONTERRUBIO, C; MADERA, S; MENDOZA-ONTÍVEROS, M. Gender Dissidence and a particular socio-cultural context largely excluded from leisure and travel studies in the Global North. **Leisure Studies**, v. 41, 2022.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

NEMI NETO, J. Questões de identidade(s) de gênero(s) e orientação sexual: uma abordagem através da pedagogia queer. **Revista espaço acadêmico**, v.14, n.168, p.27-34, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/47494279/Quest%C3%B5es\\_de\\_identidade\\_s\\_de\\_g%C3%A3o\\_Anero\\_s\\_e\\_orienta%C3%A7%C3%A3o\\_sexual\\_uma\\_abordagem\\_atrav%C3%A3o\\_da\\_Pedagogia\\_Queer](https://www.academia.edu/47494279/Quest%C3%B5es_de_identidade_s_de_g%C3%A3o_Anero_s_e_orienta%C3%A7%C3%A3o_sexual_uma_abordagem_atrav%C3%A3o_da_Pedagogia_Queer) Acesso em: 11 jun. 2022

PELBART, P. P. **Vida capital:** ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PEIXOTO, V. B. **Violência contra LGBTs no Brasil:** a construção sócio-histórica do corpo abjeto com base em quatro homicídios. Tese (Doutorado em Sociologia) Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade de Brasília. Brasília, DF. 2018.

PILCHER, K. A ‘sexy space’ for women? Heterosexual women’s experiences of a male strip show venue. **Leisure studies, Colchester**, v. 30, n. 2, p. 217-235, 2011.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: Almeida, H. B. & Szwako, J. (Org.). **Diferenças, igualdade.** Campinas: Berlendis, 2009. p.116-150.

PRITCHARD, A.; MORGAN, N.; SEDGLEY, D. In search of lesbian space? The experience of Manchester’s gay village. **Leisure Studies, Colchester**, v. 2, s/n, p. 105-123, 2002.

REIS, N; PINHO, R. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, RS, 2016, v. 24, n. 1, p. 7-25. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045> Acesso em: 17 jan.2025.

ROUANET, P. **O homem-máquina hoje**. Instituto Moreira Sales, Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-homem-maquina-hoje/>, acessado em 20 jun. 2023.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROTHER, E. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, Escola Paulista de Enfermagem, São Paulo, 2007.

SA, A. A obra de arte na era de sua reproduzibilidade turística. **Revista Carbono**, Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/08-reproduzibilidade-turistica-alexandresa/> Acesso em 25 jun. 2023.

SCRATON, S.; WATSON, B. Gendered cities: Women and public leisure space in the 'postmodern city'. **Leisure Studies, Colchester**, v. 17, n. 2, p. 123-137, 1998.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v.20, n.2, 1995.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHAW, M; BONEN, A. & MCCABE, F. Do More Constraints Mean Less Leisure? Examining the Relationship between Constraints and Participation. **Journal of Leisure Research**, v. 23, 2018.

SYMONS, M; O'SULLIVAN, A & POLMAN, R. The impacts of discriminatory experiences on lesbian, gay and bisexual people in sport. **Annals of Leisure Research**, v.20, 2017.

SILVA, I. C. M.; SILVA, M. H.; SANTOS, M. L. Condições de trabalho em casa durante a pandemia: uma análise do discurso do sujeito coletivo dos trabalhadores do setor de agências de turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v.15, n.1, p.2200, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2200> Acesso em: 20 jun. 2022

SKEGGS, B. Matter out of place: visibility and sexualities in leisure spaces. **Leisure Studies**, Colchester, v. 18, s/n, p. 213-232, 1999.

TAYLOR, Y. 'If your face doesn't fit...': The misrecognition of working-class lesbians in scene space. **Leisure Studies, Colchester**, v. 26, n. 2, p. 161-178, 2007.

TRIGO, L. Ascensão do prazer na sociedade atual: turismo GLS. In: NETTO, A.P; ANSARAH, M. G. R.(Org.). **Segmentação do mercado turístico**: estudos, produtos e perspectivas. Barueri: Manole, 2009. p.141-163.

TRUSSEL, E; XING, M.K; OSWALD, G. Family leisure and the coming out process for LGB young people and their parents. **Annals of Leisure Research**, v.18, 2015.

URRY, J. **O olhar do turista**. São Paulo: Estúdio Nobel; SESC, 1996.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgenerideade como crítica decolonial. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., (Orgs). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 249-270.

WOLF,

S. **Sexualidade e socialismo: história, política, e teoria da libertação LGBT**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

WOLF, S. **Sexualidade e socialismo: história, política, e teoria da libertação LGBT**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

### **Endereço dos Autores:**

Adriano Carlos Nunes Fernandes  
Endereço Eletrônico: adriano.nunes@usp.br

Edmür Antonio Stoppa  
Endereço Eletrônico: stoppa@usp.br

Ricardo Ricci Uvinha  
Endereço Eletrônico: uvinha@usp.br